

suposto, mas não como um *conceito* disponível, não como o que é procurado. A “pressuposição” do ser possui o caráter de uma visualização preliminar do ser, de tal maneira que, nesse visual, o ente previamente dado se articule provisoriamente em seu ser. Essa visualização do ser, orientadora do questionamento, nasce da compreensão cotidiana do ser em que nos movemos desde sempre e que, *em última instância, pertence à própria constituição essencial da pre-sença*. Tal “pressuposição” nada tem a ver com o estabelecimento de um princípio do qual se derivaria, por dedução, uma conclusão. Não pode haver “círculo vicioso” na colocação da questão sobre o sentido do ser porque não está em jogo, na resposta, uma fundamentação dedutiva, mas uma exposição demonstrativa das fundações.

Na questão sobre o sentido do ser não há “círculo vicioso” e sim uma curiosa “repercussão ou percussão prévia” do questionado (o ser) sobre o próprio questionar, enquanto modo de ser de um ente determinado. Ser atingido essencialmente pelo questionado pertence ao sentido mais autêntico da questão do ser. Isso, porém, significa apenas que o ente, dotado do caráter da presença, traz em si mesmo uma remissão talvez até privilegiada à questão do ser. Com isso, no entanto, não se prova o primado ontológico de um determinado ente? Não se dá preliminarmente o ente exemplar que deve desempenhar o papel de primeiro *interrogado* no questionamento do ser? No que se discutiu até aqui nem se provou o primado da presença nem se decidiu nada sobre uma função possível ou necessária do ente a ser interrogado como o primeiro. O que se insinuou foi apenas um primado da presença.

### § 3. O primado ontológico da questão do ser

A caracterização da questão do ser pela estrutura formal da questão como tal mostrou as características próprias de seu questionamento de tal maneira que sua elaboração e solução exigem *a fortiori* uma série de considerações fundamentais. O privilégio da questão do ser, porém, só se esclarecerá completamente se o questionamento definir, de modo suficiente, sua função, seu propósito e seus motivos.

2 Até aqui a necessidade de se repetir a questão foi motivada, de um lado, pela dignidade de sua proveniência mas, sobretudo, pela falta de uma resposta determinada e mesmo pela ausência de uma colocação adequada da questão. Pode-se, porém, querer saber para que há de servir essa questão. Será que ela simplesmente existe, sendo apenas ofício de uma especulação solta no ar sobre as universalidades mais universais, *ou será de todas a questão mais principal e concreta?*

3 O ser é sempre o ser de um ente. O todo dos entes pode tornar-se, em suas diversas regiões, campo para se liberar e definir determinados setores de objetos. Estes, por sua vez, como por exemplo história, natureza, espaço, vida, presença, linguagem, podem transformar-se em temas e objetos de investigação científica. A pesquisa científica realiza, de maneira ingênua e a grosso modo, um primeiro levantamento e uma primeira fixação dos setores dos objetos. A elaboração do setor em suas estruturas fundamentais já foi, de certo modo, efetuada pela experiência e interpretação pré-científicas da região do ser que delimita o próprio setor de objetos. Os “conceitos fundamentais” assim produzidos constituem, de início, o fio condutor da primeira abertura concreta do setor. Se o peso de uma pesquisa sempre se coloca nessa positividade, o seu progresso propriamente dito não consiste tanto em acumular resultados e conservá-los em “manuais” mas em questionar a constituição fundamental de cada setor que, na maioria das vezes, surge reativamente do conhecimento crescente das coisas.

4 O “movimento” próprio das ciências se desenrola através da revisão mais ou menos radical e invisível para elas próprias dos conceitos fundamentais. O nível de uma ciência determina-se pela sua *capacidade* de sofrer uma crise em seus conceitos fundamentais. Nessas crises imanentes da ciência, vacila e se vê abalado o relacionamento das investigações positivas com as próprias coisas em si mesmas. Hoje em dia, surgem tendências em quase todas as disciplinas no sentido de colocar as pesquisas em novos fundamentos.

5 A ciência mais rigorosa e de estrutura mais consistente, a *matemática*, parece sofrer uma “crise de fundamentos”. A disputa entre formalismo e intuicionismo se

desenvolve visando a conquistar e assegurar um modo de acesso mais originário ao que deve constituir o objeto dessa ciência. A teoria da relatividade na *física* nasceu da tendência de apresentar o nexu próprio da natureza tal como ele “em si” mesmo se constitui. Como teoria das condições de acesso à própria natureza, a teoria da relatividade procura preservar a imutabilidade das leis do movimento através de uma determinação de toda a relatividade e, com isso, coloca-se diante da questão da estrutura do setor de objetos por ela pressuposto, isto é, do problema da matéria. Na *biologia*, surge a tendência de questionar o organismo e a vida independentemente das determinações do mecanicismo e vitalismo para, assim, definir, de maneira nova, o modo de ser próprio do ser vivo como tal. Nas *ciências históricas do espírito*, acentuou-se o empenho pela própria realidade histórica na tradição e sua transmissão: desse modo, a história literária se torna história dos problemas. A *teologia* procura uma interpretação mais originária do ser do homem para Deus, já prelineada e restrita pelo sentido da própria fé. Pouco a pouco, a teologia começa a entender de novo a visão de Lutero para quem a sistematização dogmática repousa sobre um questionamento que, em sua origem, não advém de um questionamento da fé, e cuja conceituação, mais do que insuficiente para a problemática teológica, a encobre e até mesmo deturpa.

6 Conceitos fundamentais são determinações em que o setor de objetos que serve de base a todos os objetos temáticos de uma ciência é compreendido previamente de modo a guiar todas as pesquisas positivas. Trata-se, portanto, de conceitos que só alcançam verdadeira legitimidade e “fundamentação” mediante uma investigação prévia que corresponda propriamente ao respectivo setor. Ora, na medida em que cada um desses setores é recortado de uma região de entes, essa investigação prévia, produtora de conceitos fundamentais, significa uma interpretação desse ente na constituição fundamental de seu ser. Essas investigações devem anteceder às ciências positivas. E isso é possível. O trabalho de Platão e Aristóteles são uma prova. Trata-se, no entanto, de uma fundamentação das ciências que se distingue em princípio da “lógica”. A “lógica” é um esforço subsequente e claudicante que analisa o estado momen-

tâneo de uma ciência em seu “método”. Aqui, porém, trata-se de uma lógica produtiva na medida em que antecipa, por assim dizer, determinado setor do ser, libertando-o, pela primeira vez, em sua constituição ontológica e tornando disponíveis para as ciências positivas as estruturas obtidas enquanto perspectivas lúcidas de questionamento. Assim, o que é primeiro filosoficamente não é uma teoria da conceituação da história, nem a teoria do conhecimento histórico e nem a epistemologia do acontecer histórico enquanto objeto da ciência histórica, mas sim a interpretação daquele ente propriamente histórico em sua historicidade. Nesse sentido, a contribuição positiva da *Crítica da Razão Pura*, de Kant, por exemplo, reside no impulso que deu à elaboração do que pertence propriamente à natureza e não em uma “teoria do conhecimento”. A lógica transcendental é uma lógica do objeto *a priori*, a natureza, enquanto setor ontológico.

7 O questionamento, porém — a ontologia no sentido mais amplo, independente de correntes e tendências ontológicas —, necessita de um fio condutor. Sem dúvida, o questionamento ontológico é mais originário do que as pesquisas ônticas das ciências positivas. No entanto, permanecerá ingênuo e opaco, se as suas investigações sobre o ser dos entes deixarem sem discussão o sentido do ser em geral. Assim, a tarefa ontológica de uma genealogia dos diversos modos possíveis de ser, que não se deve construir de maneira dedutiva, exige uma compreensão prévia do “que propriamente entendemos pela expressão ‘ser’”.

8 A questão do ser não se dirige apenas às condições *a priori* de possibilidade das ciências que pesquisam os entes em suas entidades e que, ao fazê-lo, sempre já se movem numa compreensão do ser. A questão do ser visa às condições de possibilidade das próprias ontologias que antecedem e fundam as ciências ônticas. *Por mais rico e estruturado que possa ser o seu sistema de categorias, toda ontologia permanece, no fundo, cega e uma distorção de seu propósito mais autêntico se, previamente, não houver esclarecido, de maneira suficiente, o sentido do ser nem tiver compreendido esse esclarecimento como sua tarefa fundamental.*

9 A investigação ontológica que se compreende corretamente confere à questão do ser um primado ontológico que vai muito além de simplesmente retomar uma tradição veneranda e um problema até agora não esclarecido. Mas o primado objetivo-científico não é o único.

#### § 4. O primado ôntico da questão do ser

1 Em geral, pode-se definir a ciência como o todo de um conjunto de fundamentação de sentenças verdadeiras. Essa definição não é completa e nem alcança o sentido da ciência. Como atitude do homem, as ciências possuem o modo de ser desse ente (homem). Nós o designamos com o termo *pre-sença*. A pesquisa científica não é o único modo de ser possível desse ente e nem sequer o mais próximo. Ademais, se comparada a qualquer outro, a *pre-sença* é um ente privilegiado. É preciso, no entanto, ver esse privilégio, mesmo de modo provisório. Ao fazê-lo, a discussão deve antecipar as análises posteriores e, sobretudo, as análises que constituem propriamente uma demonstração.

2 A *pre-sença* não é apenas um ente que ocorre entre outros entes. Ao contrário, do ponto de vista ôntico, ela se distingue pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, *estar em jogo* seu próprio ser. Mas também pertence a essa constituição de ser da *pre-sença* a característica de, em seu ser, isto é, sendo, estabelecer uma relação de ser com seu próprio ser. Isso significa, explicitamente e de alguma maneira, que a *pre-sença* se compreende em seu ser, isto é, sendo. É próprio deste ente que seu ser se lhe abra e manifeste com e por meio de seu próprio ser, isto é, sendo. *A compreensão do ser é em si mesma uma determinação do ser da pre-sença*. O privilégio ôntico que distingue a *pre-sença* está em ser ela ontológica.

3 Ser ontológico ainda não diz aqui elaborar uma ontologia. Por isso, se reservarmos o termo ontologia para designar o questionamento teórico explícito do sentido do ser, então este ser-ontológico da *pre-sença* deve significar pré-ontológico. Isso, no entanto, não significa simplesmente sendo um ente, mas sendo no modo de compreensão do ser.

4 Chamamos *existência* (N2) ao próprio ser com o qual a *pre-sença* pode se comportar dessa ou daquela maneira e com o qual ela sempre se comporta de alguma maneira. Como a determinação essencial desse ente não pode ser efetuada mediante a indicação de um conteúdo quidditativo, já que sua essência reside, ao contrário, no fato de dever sempre assumir o próprio ser como seu, escolheu-se o termo *pre-sença* para designá-lo enquanto pura expressão de ser.

5 A *pre-sença* sempre se compreende a si mesma a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de ser ou não ser ela mesma. Essas possibilidades são ou escolhidas pela própria *pre-sença* ou um meio em que ela caiu ou já sempre nasceu e cresceu. No modo de assumir-se ou perder-se, a existência só se decide a partir de cada *pre-sença* em si mesma. A questão da existência sempre só poderá ser esclarecida pelo próprio existir. A compreensão de si mesma que *assim* se perfaz, nós a chamamos de compreensão *existenciária*. (N3) A questão da existência é um "assunto" ôntico da *pre-sença*. Para isso não é necessária a transparência teórica da estrutura ontológica da existência. O questionamento dessa estrutura pretende desdobrar e discutir o que constitui a existência. Chamamos de *existencialidade* (N4) o conjunto dessas estruturas. A análise da existencialidade não possui o caráter de uma compreensão existenciária e sim de uma compreensão *existencial*. (N5) A tarefa de uma analítica existencial da *pre-sença* já se acha prelineada em sua possibilidade e necessidade na constituição ôntica da *pre-sença*.

6 Na medida, porém, em que a existência determina a *pre-sença*, a analítica ontológica desse ente necessita sempre de uma visualização prévia da existencialidade. Entendemos a existencialidade como a constituição ontológica de um ente que existe. Na idéia dessa constituição de ser já se encontra, pois, a idéia de ser em geral. Desse modo, a possibilidade de se realizar uma analítica da *pre-sença* sempre depende de uma elaboração prévia da questão sobre o sentido do ser em geral.

7 As ciências são modos de ser da *pre-sença* nos quais ela também se comporta com entes que ela mesma não precisa ser. Pertence essencialmente à *pre-sença* ser

em um mundo. Assim, a compreensão do ser, própria da presença, inclui, de maneira igualmente originária, a compreensão de “mundo” e a compreensão do ser dos entes que se tornam acessíveis dentro do mundo. Dessa maneira, as ontologias que possuem por tema os entes desprovidos do modo de ser da presença se fundam e motivam na estrutura ôntica da própria presença, que acolhe em si a determinação de uma compreensão pré-ontológica do ser.

8 É por isso que se deve procurar, na *analítica existencial da presença, a ontologia fundamental* de onde todas as demais podem originar-se.

9 Em consequência, a presença possui um primado múltiplo frente a todos os outros entes: o primeiro é um primado *ôntico*: a presença é um ente determinado em seu ser pela existência. O segundo é um primado *ontológico*: com base em sua determinação da existência, a presença é em si mesma “ontológica”. Pertence à presença, de maneira igualmente originária, e enquanto constitutivo da compreensão da existência, uma compreensão do ser de todos os entes que não possuem o modo de ser da presença. A presença tem, por conseguinte, um terceiro primado que é a condição ôntico-ontológica da possibilidade de todas as ontologias. Desse modo, a presença se mostra como o ente que, ontologicamente, deve ser o primeiro interrogado, antes de qualquer outro.

10 A analítica existencial, por sua vez, possui, em última instância, raízes *existenciárias*, isto é, *ônticas*. Só existe a possibilidade de uma abertura da existencialidade da existência, e com isso a possibilidade de se captar qualquer problemática ontológica suficientemente fundamentada, caso se assuma existencialmente o próprio questionamento da investigação filosófica como uma possibilidade de ser da presença, sempre existente. Assim esclarece-se também o primado ôntico da questão do ser.

11 Já cedo se percebeu o primado ôntico-ontológico da presença, embora não se tenha apreendido a presença em sua estrutura ontológica genuína nem se tenha problematizado a presença nesse sentido. Aristóteles diz: ἡ ψυχὴ τὰ ὄντα πῶς εἶναι<sup>7</sup>, “a alma (do homem) é, de certo

7. Aristóteles, *De anima*, Γ 8, 431 b 21, cf. idem 5, 430 a 14s.

modo, todo ente”; a “alma”, que constitui o ser do homem, descobre, em seus modos de ser, αἰσθησις e νόσις, todo ente naquilo que ele é e como ele é, ou seja, descobre sempre todo ente em seu ser. Essa frase, que remonta à tese ontológica de Parmênides, foi citada por Tomás de Aquino numa discussão característica. Para derivar os “transcendentes”, isto é, os caracteres do ser que estão muito além de toda determinação possível de conteúdo genérico de um ente, portanto, de todo *modus specialis entis*, e que convêm necessariamente a tudo, o que quer que seja, é preciso demonstrar também o *verum* como esse *transcendens*. Tomás o faz recorrendo a um ente que, em seu modo de ser, tem a propriedade de “convir” a todo e qualquer ente. Esse ente privilegiado, o *ens quod natum est convenire cum omni ente*, é a alma (anima).<sup>8</sup> O primado da presença frente a qualquer outro ente que aqui se apresenta, embora ainda não esclarecido do ponto de vista ontológico, nada tem em comum com uma má subjetivação da totalidade dos entes.

12 A comprovação do privilégio ôntico-ontológico da questão do ser se funda na indicação provisória do primado ôntico-ontológico da presença. A análise da estrutura da questão do ser como tal (§ 2) deparou-se com uma função privilegiada desse ente na própria colocação da questão. A presença mostrou-se, assim, como o ente que deve ser trabalhado e desenvolvido em seu ser, de maneira suficiente para que o questionamento se torne transparente. Agora, porém, revelou-se que a analítica ontológica da presença em geral constitui a ontologia fundamental e que, portanto, a presença se evidencia como o ente a ser, em princípio, previamente *interrogado* em seu ser.

13 Na tarefa de interpretar o sentido do ser, a presença não é apenas o ente a ser interrogado primeiro. E, sobretudo, o ente que, desde sempre, se relaciona e comporta com o que se questiona nessa questão. A questão do ser não é senão a radicalização de uma tendência ontológica essencial, própria da presença, a saber, da compreensão pré-ontológica do ser.

8. Tomás de Aquino, *Quaestiones de veritate* qu. I a. 1 c, cf., no opúsculo “De natura generis”, a dedução dos transcendentais em parte diversa e mais rigorosa do que aquela aqui mencionada.